

Lingua franca e estrangeirismos*

Rogério F. Guerra¹

Universidade Federal de Santa Catarina

A influência do inglês como *lingua franca* é enorme em diferentes contextos, como pode ser visto nas artes (música, cinema e literatura), ciência e tecnologia, atividades empresariais e relações diplomáticas. Uma língua comum é um instrumento valioso no mundo moderno, pois ela facilita a comunicação entre pessoas de diferentes culturas, mas, não obstante essas vantagens, alguns intelectuais argumentam que a influência do idioma inglês representa uma ameaça à diversidade cultural. A predominância do idioma inglês é recente, pois o Latim era preferido dos filósofos e cientistas dos tempos medievais e também foi adotado como idioma oficial da Igreja Católica – tal influência persiste, pois todos os nomes científicos de plantas e animais são escritos nesse idioma. A influência do idioma francês aumentou com o tempo, mas o fenômeno logo deu lugar à “americanização” da cultura ocidental que ocorreu após a II Guerra Mundial. Foram examinadas a função da *lingua franca* em múltiplos contextos e a crescente dominação da cultura americana na língua portuguesa.

Palavras-chave: História – *Lingua franca* – Etimologia – Estrangeirismos – Idioma inglês

The influence of English as a *lingua franca* is growing in multilingual contexts, as may be seen in arts (music, movie and literature), science and technology, international business and diplomatic relations. A common language is an essential tool in a modern world, since it makes easier the communication between people from different cultures. Despite these advantages some scholars has been argued that the increased influence of English language is a threat to cultural diversity. The preference for English is relatively recent, since Latin was largely used by philosophers and scientists in medieval times and was adopted as official language of Catholic Church – actually, all scientific names of animals and plants are spelled in Latin. Thereafter, the influence of French language increased around the world, but such phenomenon was surpassed by the “Americanization” of Western culture that occurred after the II World War. It has been examined the role of *lingua franca* in multiple contexts and the increasing impact of English language on our vocabulary and Brazilian culture.

Keywords: History – *Lingua franca* – Etymology – Strangerisms – English language

Origem das palavras

Qual a relação entre os vocábulos “camerlengo” (o cardeal que assume interinamente, diante da morte do papa, a administração da Igreja Católica até a eleição a eleição de um novo papa), “camareira” (modesta serviçal

* *Lingua franca* and strangerisms

¹ Professor-Titular e Editor de RCH. Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário, Florianópolis, SC, 88040-900 (rfguerra@cfh.ufsc.br).

encarregada da arrumação dos quartos de um hotel) e o sobrenome anglo-saxônico “Chamberlain”? Todos derivam da latinização do vocábulo *Kamára* (câmara ou compartimento, no idioma grego). Embora “câmara” e “câmera” tenham o mesmo significado etimológico, o uso corriqueiro deu surgimento a uma diferença: a primeira é utilizada para designar o aposento de uma casa, a divisão de uma estrutura anatômica ou de um artefato mecânico (e.g., câmara cardíaca e câmara de combustão) ou uma sala destinada aos recitais e encenações teatrais. Por outro lado, “câmera” está relacionado a algum dispositivo ótico (e.g., câmeras fotográficas ou de TV). As duas grafias poderiam ser usadas em ambos os casos, mas a influência do idioma inglês deu surgimento a uma especialização semântica. Com efeito, cidadãos do Reino Unido e dos EUA utilizam a palavra *chamber* como equivalente à câmara e, por outro lado, *camera* é utilizada para designar *a boxlike device for holding a film or plate sensitive to light*. Com a popularização da fotografia, cinema e TV, surgiram expressões como *camera-men*, *off camera* e outras (OXFORD DICTIONARY OF ENGLISH ETYMOLOGY, 1966). Originalmente, câmara e câmera significavam a mesma coisa e a diferenciação semântica é uma forma sutil de estrangeirismo.

Os antigos quando passavam por intenso desconforto emocional diziam padecer de “estafa”, mas hoje as pessoas padecem de *stress* (ou estresse); quando o problema é mais intenso, os profissionais especializados encontraram uma palavra ainda mais estranha para designar o problema: *burnout*. O nosso vocabulário é repleto de palavras oriundas de outros idiomas, mas algumas delas perderam o significado original. Com efeito, *glamour* serve para designar o charme ou a beleza excepcional de uma mulher, mas a palavra surgiu na Inglaterra (século 18) e designava os poderes ocultos e sedutores das bruxas. Ela deriva de *glamer*, origem etimológica de *grammar* (gramática, no nosso idioma). As três palavras são relacionadas, pois as bruxas lançavam sortilégios e feitiços através de palavras misteriosas ou extraíam seus conhecimentos de livros que poucos tinham acesso (erudição, conhecimento exclusivo).

É muito comum o uso da palavra Frankenstein para designar uma pessoa excepcionalmente feia, mas o personagem de Mary Shelley (1797-1851), escritora inglesa, era exatamente o oposto dessa idéia: Dr. Victor Frankenstein era um cientista jovem, brilhante e bem-apegoado – o monstro que ele criara não tinha nome. Outro tipo de adulteração ocorreu com “mediocre” e “mediocridade”. Tais palavras são utilizadas para designar, por exemplo, uma pessoa com desempenho sofrível e a insuficiência de qualidades, mas o exame da raiz etimológica indica que essas palavras estão mais próximas de algo medial ou mediano.

Na incorporação, a palavra estrangeira é adaptada ao sistema fonológico da Língua Portuguesa; geralmente ela é adotada devido a inexistência de um vocábulo que sirva ao mesmo propósito, como ocorre com certas expressões de uso mais ou menos corriqueiro (grafia original): *hot dog*, *whisky*, *software*,

pizza, champagne, solitude, blitz, zeitgeist, tsunami, kamikaze, boycott, umwelt, tequila, marketing e reveillon. Muitas siglas exibem simplicidade fonética, mas escondem estrangeirismos, como DNA (*deoxyribonucleic acid*), PC (*personal computer*), PET-Scan (*positron emission tomography scanner*) e VIP (*very important person*). Os estrangeirismos ainda são constatáveis em empreendimentos imobiliários, como atestam os nomes extravagantes que designam prédios e condomínios de luxo (e.g., *golden garden, executive center e top tower*).

A nomenclatura está relacionada aos avanços do conhecimento científico e tecnológico e segue tendência mundial. Inicialmente, os especialistas lutaram para o reconhecimento da sigla SIDA (“síndrome da imunodeficiência adquirida”), mas a influência externa preponderou e hoje até o cidadão comum adota a sigla em inglês (AIDS, ou *acquired immunodeficiency syndrome*). Outro exemplo parecido é a popularização de UFO (*unidentified flying object*), sigla geralmente utilizada para descrever os discos-voadores (*flying saucers*). Os mais entusiasmados deste setor até acreditam que a ufologia é uma ciência e que conta com periódicos especializados, mas a tentativa de consolidar a sigla OVNI (objeto voador não-identificável) não foi bem sucedida. Curiosamente, PhD geralmente é considerada uma sigla de origem anglo-saxônica, ela a origem é o latim: *philosophiae doctor*. Muitos estrangeirismos são pedantes e desnecessários, mas é preciso reconhecer que muitas vezes eles facilitam a transmissão de idéias complexas.

Estrangeirismos na “mídia”

O estrangeirismo geralmente é utilizado como sinônimo de uso excessivo de vocábulos em inglês, mas não devemos esquecer que ocorrem incorporações de palavras oriundas de outros idiomas. Muitas palavras e expressões são derivadas do latim, tais como *ex cathedra, habeas corpus, ad referendum, a priori* ou *a posteriori, ex officio* ou siglas corriqueiras, como *e.g.* ou *v.g., etc., i.e., ad lib.* e *ib.* (*exempli gratia* ou *verbi gratia, et coetera, id est, ad libitum* e *ibidem*). A influência do latim persiste no vocabulário das autoridades da Igreja Católica e nos tribunais de justiça. O idioma inglês é largamente utilizado nas comunicações científicas, mas a moderna neurociência ainda utiliza o latim para designar áreas do cérebro (e.g., *locus coeruleus* e *substantia nigra*); o antigo idioma ainda é amplamente utilizado para classificar as incontáveis espécies de plantas e animais.

O vocabulário técnico e especializado é uma conseqüência da complexidade do conhecimento, mas pode ser um recurso utilizado pelos especialistas para marcar o distanciamento do linguajar do homem comum.

O fenômeno foi observado há muito tempo e recebeu nomes diferentes, como “bacharelismo” (FREYRE, 1933) e “eruditismo ornamental” (CABRAL, 1950). O uso exagerado e fora de contexto de um vocabulário estranho serve mais para ocultar, que revelar. Com efeito, a pose solene, as palavras vazias de sentido e o “transbordamento de sabedoria” eram as armas de convencimento do Conselheiro Acácio, inesquecível personagem de Eça de Queiroz (“O primo Basílio”, 1878), e inspiraram um conto de Machado de Assis (“Teoria do medalhão”, 1881). Outro problema é a linguagem rebuscada que juizes e advogados usam nos tribunais, conhecida informalmente como “juridiquês”. O hermetismo contribui para o distanciamento entre a justiça e a população e, em certas circunstâncias, nem mesmo as autoridades entendem o significado das sentenças. Um exemplo disso foi bastante divulgado pelos jornais, pois envolveu o assassinato do proprietário da Cervejaria Schincariol (18 de Agosto/2003). O crime ocorreu na cidade de Itu, no estado de São Paulo, e um pedreiro foi preso por ter passado informações aos bandidos que cometeram o crime. Seus advogados entraram em ação e, com efeito, o despacho do desembargador do Tribunal de Justiça permitiu a libertação do pedreiro. O referido cidadão reuniu os familiares para comemorar o ocorrido, mas logo as autoridades perceberam um erro terrível. O despacho do desembargador negava o pedido de *habeas corpus*, mas o estilo confuso e as dubiedades induziram as autoridades de Itu a julgarem que o documento determinava a soltura do preso (TEIXEIRA, 2004).

O abuso de estrangeirismos pode ser constatado entre os usuários de computadores, os quais não perdem oportunidade para inserir palavras oriundas do idioma inglês, como *hard-disk*, *modem*, *software* e *up-grade*. A literatura especializada revela que a simples presença das mães, amigas ou maridos facilita a parturição, pois minimiza o estresse e proporciona conforto emocional às gestantes. O agente que acompanha a mulher em trabalhos de parto é conhecida como *doula*, palavra do idioma grego que significa “mulher que serve” – a conotação é negativa, pois eram mulheres escravizadas. A expressão ganhou relevância em vários idiomas e existe até uma instituição que estimula esse tipo de assistência às gestantes: *Doulas of North America*, ou DONA). A estranha palavra *doula* caiu no gosto dos especialistas brasileiros, mas o estrangeirismo é desnecessário, pois nós dispomos de uma palavra mais rica em substância etimológica e de grande valor explicativo: “comadre” (do latim *cum + mater*, com as mães).

Certas corruptelas são veiculadas rotineiramente pelos jornais e TV, como “motoqueiro”, outras se originaram do meio social elitizado. Um exemplo de péssima sonoridade caiu no gosto dos jornalistas: “marqueteiro”, grosseira corruptela de *market*, palavra do idioma inglês que usualmente é utilizada para designar mercado ou comércio; ela deu origem à *marketing*, a qual tanto significa o ato de vender quando a realização de propaganda que visa o aumento da vendagem.

Por outro lado, a palavra “marqueteiro” geralmente é utilizada com significado negativo e tem o propósito de designar os profissionais das agências de propaganda que promovem os candidatos aos cargos eletivos (e.g., presidentes e governadores).

Por ocasião dos debates sobre um escândalo envolvendo um personagem da política brasileira (Renan Calheiros, presidente do senado), em meados de 2007, alguns comentaristas de TV afirmaram que, caso ele sobrevivesse às denúncias de envolvimento com lobistas (de *lobby*, outra preciosidade), ele se tornaria um “pato manco”. Embora o contexto informasse alguma coisa sobre o significado da curiosa expressão, um dos comentaristas deu mais detalhes sobre o que aquilo significava. Com efeito, trata-se de uma tradução de *lame duck*, gíria que os jornalistas americanos usam para designar políticos enfraquecidos ou em final de mandato (WEBSTER’S NEW UNIVERSAL UNABRIDGED DICTIONARY, 1996). Nós até conseguimos captar o significado de “pato manco”, mas a expressão não desperta simpatia e apenas serve para ilustrar o vocabulário estrangeirado dos comentaristas de TV.

“Marqueteiro” e “pato manco” são extravagâncias lingüísticas, mas a mistura de estrangeirismo com pedantismo pode dar surgimento a algo pior, como “mídia”. Com efeito, os jornalistas dos EUA utilizam largamente a expressão *mass media* para designar os veículos de comunicação em massa (jornais, TV, radio e Internet). *Media* foi extraída do antigo latim e nós preservamos a grafia em palavras como “médium” (aquele que se comunica com a alma dos falecidos), “mediano” e “mediador”; os portugueses preferem a grafia média e isto revela o apreço que eles têm pela matriz do idioma português.

A expressão *mass media* ganhou relevância mundial a partir dos anos 1920, ocasião em que houve a modernização da indústria gráfica e aumento da influência dos jornais nos EUA. Modismos lingüísticos surgem em conseqüência dos avanços científicos e inovações tecnológicas, mas um fenômeno curioso (e constrangedor) ocorreu no Brasil: nós copiamos a forma como a palavra é pronunciada (mídia), esquecendo que ela pertence ao arcabouço etimológico do idioma português. A grafia original deveria ser preservada, como ocorre em Portugal, mas a preferência por mídia revela duas coisas: somos influenciados pela cultura americana, da mesma forma que corruptelas e pedantismos também germinam no discurso da intelectualidade.

A lingua franca no mundo moderno

O relacionamento com outras culturas promove a incorporação de novos vocábulos, como a palavra *impeachment*. Ela ganhou relevância mundial a partir da renúncia em 1974 do presidente Richard M. Nixon (1913-94),

o qual se encontrava ameaçado de deposição devido ao seu envolvimento num escândalo político. Até pouco tempo atrás, poucas pessoas sabiam o significado da palavra *tsunami* (ondas gigantes que se formam em consequência dos deslocamentos de placas tectônicas no fundo do mar), mas a tragédia que ceifou milhares de vidas na Indonésia e países vizinhos permitiu que muitos soubessem do que se tratava; o mesmo aconteceu com *kamikaze*, palavra do idioma japonês que designava os ataques suicidas dos pilotos na II Guerra Mundial. Estrangeirismos são vias de mão dupla, pois nós emprestamos ao mundo as palavras que melhor expressam uma idéia, coisa ou conceito (e.g., café, cachaça, favela, guaraná, inveja, samba e saudade) e tomamos posse daquelas que necessitamos. O fenômeno não é uma peculiaridade do nosso jeito de ser, mas revela a verdadeira natureza do relacionamento intercultural.

Autoridades e os puristas da língua temem que a influência do idioma inglês interfira negativamente na preservação de nossas tradições culturais. Se existe tal ameaça, ela não é um problema exclusivo dos brasileiros. Com efeito, muitos países asiáticos (Japão e China, por exemplo) há muito tempo que vêm utilizando o inglês como segundo idioma, sem contar que o idioma é largamente utilizado por diplomatas, cientistas, empresários e estudantes do mundo inteiro que realizam intercâmbio cultural; a *lingua franca* facilita os avanços científicos e tecnológicos (GUERRA & BERNARDI, 1991; MENEGHINI & PACKER, 2007) e é um elemento fundamental para os acordos diplomáticos e relacionamento pacífico entre as nações (TRUCHOT, 1997; HOUSE, 2003).

Por muitos séculos o latim foi a *lingua franca* da Igreja Católica. Não se trata de simples apego aos valores tradicionais, pois o latim foi um instrumento valioso na ampliação do rebanho cristão. O latinismo facilitou o relacionamento de Roma com as demais nações, ao mesmo tempo em que auxiliou na preservação do significado das palavras e expressões contidas nos livros sagrados. A ação do tempo e os novos costumes transformam o sentido dos vocábulos, o que não ocorreu com o idioma praticamente extinto. As missas eram rezadas em latim (missa tridentina), mas o Concílio Vaticano II (1965) permitiu que os ritos fossem realizados nos idiomas dos povos; o bispo francês Marcel Lefebvre (1905-91) se insurgiu contra tal deliberação e acabou sendo excomungado pelo papa João Paulo II (1988). O episódio gerou o primeiro cisma formal dentro da Igreja Católica, desde 1870. Entretanto, o papa Bento XVI publicou um documento de *motu proprio* (2007) visando a facilitação das missas em latim, contemplando o antigo desejo de setores conservadores da igreja.

O latinismo revela o retorno de procedimentos tradicionais, os quais muitos julgam ser um excesso de conservadorismo. Entretanto, não é preciso ser católico fervoroso para concluir que a adoção do latim como *lingua franca* foi uma solução pragmática para os problemas que resultaram do crescimento da Igreja Católica. O latim facilitava a comunicação com povos de diferentes idiomas,

permitia a padronização do processo de evangelização e, mais importante, preservava o significado da palavra de Deus contida nos livros sagrados da Bíblia. O uso de uma *lingua franca* (o inglês, atualmente) e a preocupação com a padronização da qualidade dos produtos são características das grandes empresas multinacionais, mas a Igreja Católica já havia encontrado tal solução há séculos.

Por muito tempo o idioma francês foi a *lingua franca* no mundo científico e tecnológico, mas cedeu lugar ao idioma de Isaac Newton. Uma simples olhada no portal da CAPES (*site* ou *home-page*, melhor dizendo) permite constatar o impressionante o número de periódicos científicos que publicam textos somente nesse idioma, inclusive do Brasil e de países asiáticos e europeus (GUERRA & BERNARDI, 1991); como foi examinado anteriormente, o fenômeno é facilmente constatável no mundo dos negócios, pois o idioma inglês facilita a comunicação entre os empresários (TARDY, 2007; ROGERSON-REVELL, 2007).

O mundo passa por uma fase conhecida como “era da informação” ou “globalização”; os apressados julgam que o fenômeno surgiu com a popularização da Internet, o que é parcialmente verdadeiro, mas não devemos esquecer os procedimentos adotados pelas antigas autoridades católicas para a preservação e ampliação dos fieis ao redor do mundo. O idioma inglês é o instrumento lingüístico que cidadãos do mundo inteiro utilizam para se comunicarem uns com os outros. Alguns especialistas apontam que tal fenômeno não constitui ameaça ao multiculturalismo (ver: TRUCHOT, 1997; HOUSE, 2003), mas o assunto deve ser examinado de modo mais amplo.

A *lingua franca* é um instrumento facilitador das transações comerciais, diplomáticas e culturais. O idioma comum também promove soluções pacíficas, pois a fluidez das conversações tornam mais fáceis a remoção de entraves litigiosos. Devido às circunstâncias históricas e comodidade, o inglês é utilizado como *lingua franca* no mundo das artes (música e cinema, principalmente), empresarial e empreendimentos científicos e tecnológicos. Se não fosse este idioma, nós teríamos que escolher outro para atender aos mesmos propósitos. Qual escolheríamos? O francês, o russo ou o mandarim? Alguns poderiam argumentar que o latim deveria ser ressuscitado (como os judeus fizeram com o hebreu, em Israel) ou que devêssemos adotar o Esperanto, a língua criada por Lazarus Zamenhof (1859-1917). Em ambos os casos, as propostas não têm significado prático.

O contato dos colonizadores portugueses com outros povos permitiu a incorporação de novas palavras e conceitos, dando nova coloração ao nosso idioma. O Brasil colonial recebeu inúmeros estrangeiros e africanos falantes de idiomas variados, de modo que a língua tupi serviu como instrumento facilitador da comunicação. A população autóctone era bem mais numerosa e estava plenamente integrada ao ambiente. Os índios conheciam bem a terra,

sabiam lidar com as forças da natureza e tinham designações próprias para os animais e plantas. Os portugueses foram induzidos a aprender a língua da indiada, de modo que o “português de estufa” ficou restrito aos documentos (FREYRE, 1933). O tupi era usado na comunicação corriqueira e os padres contribuíram para que ele atingisse o status de *lingua franca*; eles realizavam a catequeses dos *curumins* e *cunhatains*, escreviam a gramática e rezavam missas na língua dos “americanos”. A situação perdurou até o início do século 18 e o idioma de Iracema atingira “foros de veículo civilizador”:

[...] O tupi sobrelevava mesmo ao português, na proporção de dois para um. Em algumas capitâneas, como a do Rio Grande do Sul, de S. Paulo, do Pará-Amazonas, o tupi prevaleceu por mais tempo ainda, e mais generalizado. Basta dizer que o tupi se tornou tão geral, sobretudo no interior, que o governo português, receoso de uma completa absorção da língua pátria, resolveu intervir contra esse perigo (POMBO, 1942; p. 90).

Muitos não vêm com bons olhos a importação de vocábulos franceses e ingleses, mas não devemos esquecer a rica contribuição da cultura indígena e africana ao nosso idioma. Nós herdamos dos verdadeiros americanos um número expressivo de palavras e conceitos relacionados aos animais, plantas e características do meio-ambiente (topônimos): Anhangabaú, Botucatu, cacique, carioca, Copacabana, Guanabara, Jacarepaguá, jararaca, jaguatirica, jibóia, morubixaba, onça, Pernambuco, peroba, piaba, piracema, pirarucu, pororoca, sagüi e surucucu. Por seu turno, a cultura africana enriqueceu o idioma português com seus vocábulos e conceitos relacionados à música, religiosidade e hábitos culinários: angu, atabaque (tambor), balaio (cesto), banzé (vozerio ou algazarra), barangandãs (enfeites usados nas festas pagãs), batuque (nome genérico para dança), bugiganga (coisa sem valor), cabaço (hímen), cachimbo, cafajeste, cafuné, canjica, catinga (mau cheiro), cochilar, dengue (manha de criança), engambelar (seduzir ou agradar, visando esconder ou enganar alguém), macumba, mandioca, minhoca, mocotó, muamba (coisa ou transação ilícita), mulambo (roupa velha), muleque, muxoxo (sinal de enfado, demonstrado com um estalido produzido com a língua aderida aos dentes), vatapá e outras. A incorporação desse fabuloso tesouro facilitou a posse da terra e deu origem ao que hoje conhecemos como cultura brasileira.

Miscigenação lingüística

O modo como nós falamos e as palavras que utilizamos no dia-a-dia é o “cartão de visita” que indica quem nós somos. Muitos se alegram com a suposta tolerância racial que predomina no Brasil (somos uma nação mestiça e multi-étnica), mas a mesma tolerância não ocorre em relação ao idioma. Lutam em vão os que querem manter o idioma português isento de influências externas, pois as pessoas falam de acordo com suas conveniências e a convivência multi-cultural enriquece o nosso vocabulário. A última frase revela dois fenômenos interessantes.

Muitos intelectuais enfatizam a importância da miscigenação étnica, mas muitos não vêem com bons olhos a importação de vocábulos e conceitos de outras culturas. O segundo fenômeno é ainda mais curioso: o aumento populacional e os efeitos da devastação ambiental deram surgimento aos movimentos que valorizam a diversidade biológica. As pessoas compreendem que a extinção de uma espécie (animal ou vegetal) interfere de modo permanente no equilíbrio ecológico e no ecossistema. Algo parecido e tão grave ocorre com o desaparecimento de um idioma, pois o conjunto de palavras e os diferentes conceitos utilizados na comunicação diária informam o modo como as pessoas vêem e interpretam os fenômenos da natureza. Da mesma forma que a flora e a fauna são patrimônios inestimáveis, a diversidade lingüística é algo ainda mais valioso, pois está diretamente relacionado à natureza humana.

O idioma não pertence a um povo, mas à humanidade. Ele não está circunscrito a um espaço geográfico, nem é propriedade de um grupo específico de pessoas. Com efeito, cidadãos de países distintos compartilham o mesmo idioma, da mesma forma que diferentes idiomas exibem a mesma matriz lingüística, como ocorre com o português e o espanhol. Tal similaridade se deve à proximidade geográfica e o vínculo histórico entre Portugal e Espanha. As explorações territoriais deram surgimento a colônias na África, América e Ásia e, hoje, povos bem distintos compartilham a herança cultural deixada pelos colonizadores.

Muito se discute acerca da influência da cultura americana (ou estadunidense) sobre o modo como falamos e pensamos, mas os modismos ditados pela França merecem registro especial. O gosto pelo estilo francês se revelava no uso de casacas e cartolas, impróprios ao calor dos trópicos, o gosto musical por valsas sentimentais, invés do choroso e sentimental fado, a comida servida à mesa e os adornos domésticos (FREYRE, 1936). No início do século 19, o Brasil já contava com vários profissionais franceses, como alfaiates, costureiras, perfumistas, cabeleireiros e peruqueiros. Os viajantes se espantavam com a falta de asseio e desleixo dos brasileiros (dentro de casa as mulheres arrastavam tamancões e os homens andavam de ceroulas ou deixavam à mostra os fraldões), mas os franceses se encarregaram de modificar a estética e os costumes.

Curiosamente, muitos desses profissionais não falavam o português, mesmo contando muitos anos de permanência entre nós, e tinham que recorrer aos negrinhos e molecotes para se fazerem entender junto à freguesia.

O escritor Eça de Queiroz, um dos maiores nomes da literatura portuguesa, denunciou os efeitos do “francesismo” sobre a intelectualidade de seu país. Ele próprio admitia ser “francês” em quase tudo, o mesmo ocorrendo com seus livros. Não podia ser diferente, pois os estudantes de seu tempo estudavam nos livros franceses, as idéias vinham da França e todos falavam e pensavam como se fossem Baudelaire ou Chateaubriand (*A correspondência de Fradique Mendes*, 1900). Os homens cultos viviam com a mente voltada para a França, de onde eram importados o vocabulário, as idéias e os costumes.

A influência do idioma francês pode ser vista em palavras que utilizamos rotineiramente: abajur (*abat-jour*), bufê (*buffet*), champanhe (*champagne*), chique (*chic*), garçom (*garçon*), jornal (*journal*) e rendezvous (*rendez-vous*). Nós preservamos até a grafia original de algumas palavras, como *avant-garde*, *closet*, *gourmet*, *metier*, *reveillon*, *savoir-faire* e *toilette*. Até na intimidade dos lares o idioma francês era transmitida aos infantes, como se fosse língua materna. Surgiram os bacharéis afrancesados e as sinhazinhas e iaiás se transformaram em *mademoiselles* ou *madames*. Monteiro Lobato condenou severamente o pedantismo da elite intelectual:

[...] Ferrenho inimigo dos imitadores e, acima de tudo, irritava-o o francesismo então dominante nas rodas elegantes da Paulicéia. Pensava-se em francês, comia-se em francês, escrevia-se em francês. Tudo quanto fosse *chic* requeria o *made in France*: livros, pintura, escultura, roupas, artes em geral. “De que maravilhosas coisas, escrevia indignado, não seria capaz o brasileiro se não fincasse no terreno do pastiche o inibitório terror à mofa escarantina do francês. O que nos mata é o francês! Nós temos a obsessão do francês. Essa obsessão leva uma sociedade que se diz culta a atitudes ridículas, a macaquices inacreditáveis” (In: CAVALHEIRO, 1955; p. 192).

Lobato se insurgira contra a influência francesa, mas ele sucumbira a outro modismo: o “anglicismo” (ou melhor, “americanismo”). Ele fora designado adido comercial do Brasil nos EUA (1927) e, já em Nova York, exhibe encantamento com o progresso material do país. Henry Ford tornou-se o profeta de uma nova era e a “americanização” do irrequieto taubateano deu surgimento a livros com títulos bem sugestivos: “Mr. Slang e o Brasil” (1927) e “América” (1932).

A nova “paixão” colidia com o movimento literário que valorizava os elementos da cultura brasileira, mas coube à Lobato o mérito de produzir a obra que muitos julgam ser o marco do modernismo: “Urupês” (1918), obra que traz o inesquecível Jeca Tatu. O seu encantamento pelo idioma inglês pode ser visto no comentário abaixo:

Culpa têm os ingleses que fizeram da sua língua uma língua livre cambista. A entrada de palavras na língua inglesa é franca. As palavras chegam de toda parte e estabelecem domicílio no inglês sem que a polícia glótica as marque com qualquer sinal indicativo de que são de fora. Gosto disso, porque sou duma terra terrivelmente protecionista em matéria de língua. Palavra exótica que entra no Brasil tem de ficar anos e anos marcada com grifo, ou entalada entre aspas, antes que seja naturalizada. Até hoje, apesar de residir no país há longuíssimos anos, a palavra elite, por exemplo, ainda aparece marcada – *elite* ou “élite”. Já vai aparecendo despidada dessa pecha aqui e ali; mas para que a elimine de todo, quantos anos de uso diário ela ainda necessita!... (LOBATO, 1932; p. 59).

A influência do idioma inglês muito se deve aos notáveis avanços científicos e tecnológicos dos EUA, mas isto não justifica o uso de vocábulos desnecessários e pedantes, como “deletar”, “plugar” ou o estranho e não-adaptável *up-grade*. Algumas inovações lingüísticas exibem boa sonoridade e grafia simples, como “clicar” (onomatopéia que lembra o som emitido quando acionamos uma tecla de computador); a palavra surgiu com o uso rotineiro de computadores e, é verdade, nós não dispomos de outra que a substitua adequadamente – ligar ou apertar lembram os interruptores de energia elétrica ou botões de eletrodomésticos. Lobato já advertia que a língua é o que as pessoas falam, não aquilo que é determinado pelos gramáticos; o zelo extremo ao aspecto formal do idioma revela um distúrbio a ser combatido: *gramatiquice* (CAVALHEIRO, 1955).

Normas gramaticais e a incorporação ou criação de novos vocábulos e conceitos surgem da necessidade do dia-a-dia. Os dicionários apenas acusam ou registram, errados ou não, as novidades lingüísticas. Engana-se quem pensa que o pedantismo é uma praga exclusiva do discurso elitista, pois grupos minoritários e jovens da periferia abusam de estrangeirismos. O linguajar rotineiro serve para diferenciar o grupo dos demais ou é utilizada para emprestar certo ar de modernidade ou distanciamento do convencional.

Em todos os casos, a influência da cultura americana é marcante. Com efeito, a geração *teen* assiste aos *clips* musicais da MTV, adora ídolos da *pop music* e vive *plugada* em *sites* de relacionamento. Os jovens despendem boa parte do tempo em *shopping centers* e adoram as produções cinematográficas e séries de TV dos EUA. Como impedir tais modismos? A música caipira ou sertaneja sofreu profunda mutação e hoje ela tem novo nome: *country music*. O jeito rude e autêntico cedeu lugar às roupas vistosas, cabelos longos e voz adamada; as violas foram abandonadas e os “novos sertanejos” incorporaram sintetizadores e instrumentos eletrônicos.

Os avanços científicos e tecnológicos, a música *pop* e os “enlatados” de Hollywood acentuaram a influência americana, mas a indústria alimentícia também deu alguma contribuição, como comprova a história dos hambúrgueres (de Hamburg, cidade da Alemanha) do McDonald’s. O alimento nada mais é que um punhado de carne moída prensada, geralmente com formato arredondado e que serve de composição nutritiva e saborosa a duas fatias de pães. Os ingleses são apreciadores de sanduíche há muito tempo, mas o alimento recebeu este nome em razão da obsessão que John Montagu (1718-92), 4º Conde de Sandwich, tinha pelos jogos de cartas. Em 1762, para não interromper uma partida que durara cerca de 24h, conta-se que Lord Sandwich solicitara aos criados que lhe servissem apenas um pedaço de carne, entre duas fatias de pão. Ele liderou a frota naval inglesa, contra a independência dos EUA e o seu nome inspirou a designação Ilhas Sandwich (Havaí, atualmente).

Os hambúrgueres compõem os famosos sanduíches do McDonald’s, os quais são vendidos em mais de 100 países com fórmula padronizada (carne, queijo, verduras e, é claro, duas fatias de pão). O sanduíche inspirou a criação do *Big Mac Index*, instrumento utilizado pelos economistas para avaliar aquilo que eles chamam de “Paridade do Poder de Compra” (*Purchasing Power Parity*, PPP); ele afere o poder de compra dos cidadãos e foi criado por *The Economist* (1986), prestigioso semanário inglês. A utilidade do *Big Mac Index* logo ficou evidente, pois ele inspirou teses de doutoramento e deu surgimento a interessantes análises econômicas (ONG, 1997; ANNAERT & DE CEUSTER, 1997).

Modismos e estrangeirismos são características marcantes no mundo dos negócios, como foi apontando numa análise sobre o assunto (FUGERE et al., 2007). Recentemente, o jornal *O Globo* (10 de Janeiro/2013) apontou as tendências no linguajar rebuscado dos especialistas, melhor dizendo, *experts*. Cada setor, business world, tem pedantismos próprios e parece que o uso de uma palavra inglesa visa conferir respeitabilidade às atividades empresariais; o jornal até elaborou um mini-dicionário: *go live* é o lançamento de um produto, *retrenchment* significa enxugamento dos gastos. Para sinalizar uma análise do começo ao fim, os especialistas preferem *soup to nuts*, invés da nossa saborosa “de cabo a rabo”.

A influência da cultura americana é razoavelmente generalizada, como atestam as designações extravagantes de condomínios de luxo, bem como símbolos de equipes de basquete (e.g., *Lakers* e *Chicago Bulls*) que adornam os bonés dos jovens da periferia. Os consumidores acreditam que um produto de boa qualidade é top de linha. Com o intuito de atrair novos clientes, os anúncios informam os descontos generosos – 30 a 50% *off*. Os dirigentes ganharam nomes mais vistosos, como CEO (*chief executive officer*); o aperfeiçoamento curricular é *up-grade*; os títulos acadêmicos são mais valorizados quando mudam de nomes, como ocorre com MBA (*master of business administration*). Trocas de experiências surgem nos *meetings* e a pausa para o cafezinho se transformou no *coffee-break*.

Em defesa da “última flor do Lácio”

A linguajar cotidiano é guiado pelo princípio da economia e, mesmo que incorreta ou pedante, ele influencia a linguagem escrita, como ocorre com “mídia” e “marqueteiro”. Os estrangeirismos também promovem a especialização semântica, mesmo inexistindo alguma fundamentação etimológica, como ocorre com os vocábulos *history* e *story*. As duas palavras têm sonoridade semelhante, mas não compartilham a mesma raiz etimológica. A primeira diz respeito aos eventos ocorridos numa sociedade, enquanto que *story* é uma importação de um vocábulo do francês (*estoire*) e diz respeito ao folclore, aos romances ou aos “contos de fadas”. Os franceses influenciaram o idioma inglês e este, por seu turno, influenciou o nosso linguajar. A distinção entre “história” e “estória” segue o padrão inglês, mas os especialistas recomendam a primeira grafia em qualquer acepção, seja com o sentido de ciência histórica ou para designar narrativas ficcionais ou conto popular (NOVO MANUAL DA REDAÇÃO, 1995; NOVO AURELIO SÉCULO XXI, 1999). Dois títulos de livros ilustram o uso correto: “Histórias de Tia Nastácia” (1947), de Monteiro Lobato, e “Histórias da Velha Totônia” (1956), de José Lins do Rego.

O deputado federal Aldo Rebelo (PCdoB/SP) elaborou um projeto de lei para impedir ou minimizar a influência estrangeira sobre o idioma português. Apesar de sua natureza genérica, a “influência estrangeira” basicamente se restringia ao idioma inglês ou “americanização”. O projeto 1676/99 foi aprovado na Câmara dos Deputados no início de 2001, mas ele nada tinha de factível e, portanto, não ganhou as formas definitivas de uma lei federal. Com efeito, ele impõe procedimentos inviáveis, como a eliminação dos estrangeirismos nos meios de comunicação de massa e a obrigatoriedade dos brasileiros natos ou naturalizados e os estrangeiros que vivem mais de 1 ano no Brasil a falarem o idioma português. O projeto não fala em sanções penais,

mas ele distingue três tipos de atentados à “última flor do lácio”: quando a palavra ou expressão idiomática estrangeira tem equivalente no nosso idioma (prática abusiva), quando induz a erro ou equívoco de qualquer espécie (prática enganosa) e quando os estrangeirismos atentem ou causam danos ao nosso glorioso patrimônio cultural (prática danosa).

O projeto 1676/99 informa que somente as palavras e expressões registradas no “Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa” serão aceitas, o que revela uma confusão muito freqüente: os dicionários e obras congêneres não impõem, é claro, o modo como as pessoas devem falar ou escrever um texto, mas apenas registram e mencionam como as pessoas se comunicam. As idéias do deputado revelam mais dois equívocos: é inimaginável que um idioma possa cristalizado ou congelado no tempo, isentando-o da influência decorrente do relacionamento multicultural, e que a forma de comunicação de um povo deve ser subordinada aos desejos dos legisladores (a tal gramatiquice que tanto se queixara Lobato).

Outra extravagância foi a promulgação do Decreto 28.314 (28 de Setembro de 2007) que proibia o uso de gerúndio – forma de conjugação verbal caracterizada pela terminação *ndo*, como “encaminhando” ou “finalizando” – nas repartições públicas do Distrito Federal. Ele foi publicado no Diário Oficial e continha quatro artigos:

Art. 1º – Fica demitido o gerúndio de todos os órgãos do Governo do Distrito Federal.

Art. 2º – Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa de ineficiência.

Art. 3º – Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.

Engana-se quem pensa que estrangeirismo signifique apenas o uso de vocábulos de outros idiomas, mais ainda quem associa o estrangeirismo unicamente ao idioma inglês. Com efeito, o significado é bem mais amplo, pois abrange a influência de hábitos, costumes e as idéias (além dos vocábulos, é claro) de uma cultura sobre outra. Com a ampliação e popularização dos meios de comunicação, o fenômeno tende a se ampliar, com graves prejuízos para a diversidade cultural.

Muitas palavras do idioma inglês estão relacionadas com um conceito ou inovação científica e tecnológica, como tele-marketing e PET-Scan, E-mail (*electronic mail*) e freezer (congelador). Nos anos 1920, a empresa Johnson & Johnson registrou a patente de um produto atualmente conhecido no mundo inteiro. Trata-se de uma haste flexível com chumaços de algodão nas extremidades, as quais são utilizadas para limpeza dos canais auriculares ou de uso cosmético.

O nome escolhido foi Q-Tips (*quality* e *tips*, ou “qualidade nas pontas”), mas o produto já era há muito conhecido dos médicos, embora com o estranho nome zaragatoa. Q-tips foi lançado no Brasil com o nome original, mas o estrangeirismo não ganhou apelo popular e cedeu lugar a outro: cotonete (*cotton*, algodão).

A utilidade de *weltanschauung*

Como combater os estrangeirismos? As expressões alternativas (e.g., “centro de compras” e “auto-serviço”, invés de *shopping center* e *self-service*) muitas vezes tem sonoridade estranha e a preferência por palavras e expressões do nosso idioma apenas oferece a ilusão de que agindo desse modo estamos combatendo o estrangeirismo. As palavras podem ser substituídas ou adaptadas, mas o conceito e o significado intrínseco permanecem inalterados. O problema é bem mais complexo, pois o jovem é exposto a uma enxurrada de modismos veiculados na TV (e.g., *Chicago Hope*, *Friends* e *Lost*), aprecia sucessos de bilheteria como *Matrix*, *Jurassic Park* e *Harry Potter* e facilmente se encantam com os requebros e vozerios dos astros da *pop music*. Os jovens usam vocabulário peculiar e não dão importância aos apelos para que falem e escrevam de acordo com as regras convencionais. Como foi examinado anteriormente, elite intelectual também tem culpa no cartório, pois freqüentemente abusa dos estrangeirismos e dos modismos lingüísticos.

É possível que um decreto possa modificar o modo como as pessoas falam em seu dia-a-dia? O idioma de um povo é um fenômeno bem distinto dos fenômenos naturais, como rios e montanhas. Ele só ganha existência quando as pessoas o utilizam como instrumento para transmissão de idéias e pensamento. Os dicionários e as gramáticas apenas descrevem o vocabulário e o modo como as pessoas falam, o que é bem diferente de uma fotografia de uma paisagem ou de uma pessoa. O idioma só ganha existência real quando as pessoas falam umas com as outras ou exibem suas idéias e pensamentos em livros, diários e cartas. A tentativa de normatizar tal processo é uma “coisificação” de algo abstrato. Por ocasião do terrível acidente aéreo ocorrido em São Paulo (17 de Julho/2007), a câmara dos deputados se envolveu num intenso debate, ocasião em que ficou evidente o linguajar técnico dos especialistas em aviação. Os relatórios mencionaram que o Airbus-A320 (“ônibus aéreo”) se chocara com o prédio da empresa TAM Express (transportadora) e palavras estranhas ganharam mais visibilidade (e.g., *check-in*, *grooving*, *idle*, *spoiller* e *over-booking*).

As pessoas usam as palavras que mais gostam ou “importam” um vocábulo para expressar uma idéia complexa ou para designar algum artefato tecnológico.

Os filósofos usam e reconhecem a validade do conceito *weltanschauung*, palavra enorme e estranha do idioma alemão (OXFORD DICTIONARY, 1996; DICIONÁRIO HOUAISS, 2001). Os eruditos redobram as atenções para evitar os tropeços na grafia da palavra, mas *weltanschauung*, cumpre uma importante função. Com efeito, nós não dispomos de um vocábulo equivalente, de modo que nós teríamos que construir uma frase para expressar o seu sentido (i.e., “filosofia particular de vida”, “percepção que a pessoa tem do mundo” ou “conjunto de valores”). Assim sendo, caso a proposta do deputado Rebello fosse aprovada, como deveríamos agir diante de expressões consagradas pelo uso comum e corriqueiro? E o que fazer com os vocábulos largamente utilizados pelos cientistas e elite intelectual?

Referências bibliográficas

ANNAERT, J. & DE CEUSTER, M.J.K. The Big Mac: more than a junk asset allocator? *International Review of Financial Analysis*, 6(3): 179-92, 1997.

CABRAL, A.C.M. (1950). A psicologia no Brasil. *Boletim de Psicologia*, CXIX (3): 9-51.

CAVALHEIRO, E. *Monteiro lobato – vida e obra*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1955.

CRULS, G. *Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965.

DA CUNHA, A.G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1933.

FREYRE, G. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1936.

FUGERE, B.; HARDAWAY, C. & WARCHAWSKY, J. *Por que as pessoas de negócios falam como idiotas*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.

GUERRA, R.F. & BERNARDI, N. Revistas científicas brasileiras: escolha do idioma e algumas dificuldades. *Ciência e Cultura*, 43(1): 77-81, 1991.

HOUSE, J. English as a lingua franca: a threat to multilingualism? *Journal of Sociolinguistics*, 7/4: 556-78, 2003.

- LOBATO, J.B.M. *America*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1932.
- MENEGHINI, R. & PACKER, A.L. Is there science beyond English? *EMBO Reports*, 8(2): 112-16, 2007.
- NOVO AURÉLIO SÉCULO XXI*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.
- NOVO MANUAL DA REDAÇÃO*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1995.
- ONG, L.L. Burgernomics: the economics of the Big Mac standard. *Journal of International Money and Finance*, 16(6): 865-78, 1997.
- OXFORD ENGLISH REFERENCE DICTIONARY*. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1996.
- OXFORD DICTIONARY OF ENGLISH ETYMOLOGY*. Oxford: Oxford University Press, 1966.
- POMBO, R. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1942.
- ROGERSON-REVELL, P. Using English for international business: a European case study. *English for Specific Purposes*, 26: 103-120, 2007.
- TARDY, C. *The role of English in scientific communication: lingua franca or Tyrannosaurus rex?* *English for Specific Purposes*, 26: 103-120, 2007.
- TEIXEIRA, G. Ninguém entende a linguagem dos tribunais. *Jornal dos Magistrados*, XV(75): 20-22, 2004.
- TRUCHOT, C. The spread of English: from France to a more general perspective. *World Englishes*, 16(1): 65-76, 1997.
- WEBSTER'S NEW UNIVERSAL UNABRIDGED DICTIONARY*. Nova York: Barnes & Noble, 1996.